

ENTREVISTA COM MARIA VALÉRIA REZENDE

Gabriela Pepis Belinelli¹

Danielle Felício Mafud²

Inês Cardin Bressan³

Maria Valéria Rezende é um dos nomes de destaque da literatura brasileira contemporânea. Vencedora de vários prêmios Jabuti, a autora publicou seu primeiro livro aos 60 anos, *Vasto Mundo* (2001 – Ed. Beca) que, posteriormente, teve duas reedições: em 2015, pela editora Alfabeta e, em 2017, traduzida e publicada na França, pela Editora Anacaona. Nascida em Santos, estado de São Paulo, vive, desde 1976, na Paraíba, onde recebeu o título de cidadã paraibana. A autora é formada em Língua e Literatura Francesa, Pedagogia e mestre em Sociologia. Além de ter o seu olhar voltado para a educação popular, Maria Valéria sempre se preocupou com os desvalidos. Ficcionalista, poeta, freira, tradutora e ativista, foi uma das idealizadoras do Movimento Mulherio das Letras, em 2017, em João Pessoa. Suas obras são *Vasto Mundo* (2001), *O voo da guará vermelha* (2005), *O arqueólogo do futuro* (2007), *Modos de apanhar pássaros à mão* (2006), *O problema do pato* (2007), *No risco do caracol* (2008), *Conversa de passarinhos* (2008), *No risco do caracol* (2008), *Histórias daqui e d'acolá* (2009), *Hai-Quintal - Haicais descobertos no quintal* (2011), *Ouro dentro da cabeça* (2012), *Jardim de menino poeta* (2012), *Ouro dentro da cabeça* (2012), *Uma aventura animal* (2013), *Vampiro e outros sustos* (2013), *Quarenta dias* (2014), *Outros Cantos* (2016), *Histórias nada sérias* (2017), *A face serena* (2018), *Conversa de jardim* (2018) e *Carta à rainha louca* (2019), *Nas curvas do caminho, um menino diferente* (2019).

Entre os romances da escritora, destaca-se a obra *Quarenta Dias* (2014), que recebeu o prêmio Jabuti de 2015 de melhor romance e mostra uma autora cujo olhar se volta para aqueles que a sociedade insiste em esquecer. A obra retrata a história de Alice, professora de francês aposentada que, para satisfazer os caprichos da filha, é forçada a se mudar de João Pessoa para Porto Alegre. Ao chegar em sua nova “casa”, Alice sofre um forte estranhamento, sentindo-se completamente deslocada. Diante do desaparecimento do filho de uma de suas conhecidas da Paraíba, Cícero Araújo, a protagonista sai perambulando pelas ruas à sua procura. Essa busca trata-se, na verdade, da busca pela sua própria identidade, na tentativa de preencher o vazio que a

¹ Graduanda do curso de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *campus* Cornélio Procópio. Bolsista do Programa Residência Pedagógica/CAPES.

² Graduanda do curso de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *campus* Cornélio Procópio. Bolsista do Programa Residência Pedagógica/CAPES.

³ Docente na SEED há 24 anos, Mestre e Doutora pela Universidade Estadual Paulista de Assis e atua como professora colaboradora na UENP, *campus* Cornélio Procópio. Bolsista do Programa Residência Pedagógica/CAPES.

invadiu após a mudança para outra cidade, diante da qual se sente exilada. Durante os quarenta dias que percorre as ruas buscando a si mesma, Alice se depara com a realidade das periferias e, ao retornar, registra todas as suas experiências num caderno com a gravura da Barbie, que passa, então, a ser a sua confidente. Dentro de seu mundo solitário, a figura da Barbie é sua interlocutora, ou seja, aquela que lhe oferece o ombro para ouvir suas queixas e sentimentos.

O livro apresenta várias temáticas, que podem ser alvo de discussão, como o relacionamento conflituoso entre mãe e filha, os movimentos migratórios, o sujeito deslocado na contemporaneidade e a busca pela identidade, o olhar para os setores excluídos da sociedade, o problema dos desaparecidos e de pessoas em situação de rua, etc. O fato de a protagonista andar pelas ruas de Porto Alegre para se encontrar consigo mesmo e com o outro, revela outros espaços geográficos, aspectos sociais e culturais da capital gaúcha. Por isso, Porto Alegre é a metáfora de um Brasil diverso, mas também desigual. Nele, a autora desvia o nosso olhar para uma realidade diferente daquela apresentada pelas mídias, pois se o espaço urbano, especialmente o das favelas, é retratado como um lugar de violência, ele se mostra, pela pena da protagonista, como um *locus* que se volta para o “outro”. Nessa perspectiva, a periferia é apresentada sob o viés de um universo acolhedor, de solidariedade e de união.

Outra temática que vale a pena ressaltar é a força do capitalismo que contamina as instâncias sociais, pois a migração interna acontece pela busca de melhores condições de vida; caso da faxineira que trabalha para a protagonista na cidade nordestina. Nessa obra, o problema da desigualdade social, da precarização do trabalho e dos sujeitos silenciados ganham vida pela escrita de Maria Valéria Rezende. Há que se considerar, também, a liberdade que a professora Alice alcança quando, por opção, vaga pelas ruas de Porto Alegre. Nesse espaço sem amarras, livre das instâncias reguladoras, pode agir como e do modo escolhido, liberta, portanto, das peias opressivas que prendem o indivíduo contemporâneo. Enfim, a obra revela o lado fraterno e afetivo das pessoas que enfrentam a vida com muita luta, e também daquelas que tiveram um ente querido ou um amigo próximo desaparecido, representado por Cícero Araújo. Maria Valéria Rezende, além de nos inquietar com sua poética, também convida o leitor a viver com mais proximidade as mazelas da realidade social brasileira.

Quarenta Dias foi a obra que orientou o trabalho do Eixo 1, voltado ao letramento literário, do subprojeto de Língua Portuguesa do Programa Residência Pedagógica (CAPES), intitulado “Residência Pedagógica: formação de professores de Língua Portuguesa e Literatura para a Educação Básica” e desenvolvido na Universidade Estadual do Norte do Paraná, *campus* Cornélio Procopio, entre os anos de 2018 e 2019. Este eixo teve como objetivo central

desenvolver atividades sistematizadas de leitura literária, a fim de apontar para uma prática pedagógica que possibilite aos docentes em formação inicial adotar uma estratégia de ensino e aprendizagem da Literatura e, assim, nortear o trabalho de formação do leitor, sobretudo literário. Considerando que a leitura do texto literário é mais do que uma prática de fruição e que a leitura literária em sala de aula não pode ser feita de forma assistemática, de modo que o ato de aprender se concretize, é que se adotou a proposição metodológica de Rildo Cosson (2007), mais especificamente a Sequência Expandida de leitura.

A presente entrevista com Maria Valéria Rezende é resultado de uma das atividades propostas com a obra *Quarenta Dias*, cujo material didático foi elaborado pelos graduandos do curso de Letras, sob a orientação da professora preceptora, Profa. Dra. Inês Cardin Bressan, e da coordenadora do subprojeto, Profa. Dra. Ana Paula Franco Nobile Brandileone, implementada no Colégio Estadual Monteiro Lobato, no município de Cornélio Procópio, em duas turmas do 3º ano do Ensino Médio. A entrevista ocorreu no dia 08 de outubro, no anfiteatro PDE, da Universidade Estadual do Norte do Paraná, *campus* Cornélio Procópio, por Skype, e contou com a presença dos bolsistas do Programa, das professoras Inês e Ana Paula, bem como das turmas da escola. Na entrevista, Maria Valéria discutiu sobre sua motivação para escrever *Quarenta Dias*, acerca da construção do contexto social e das personagens, a repercussão da obra, sua relação com a Literatura e a educação, suas vivências como escritora, entre outros assuntos. A entrevista foi norteadas por perguntas elaboradas pelos alunos da escola pública, selecionadas pelos graduandos. Vale ressaltar que na entrevista, as perguntas foram feitas pelos próprios alunos, de forma alternada.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Oi, meu nome é Ricardo! Eu sou do 3º ano A e a pergunta é: O que levou a senhora a escrever a obra *Quarenta Dias* e quais foram suas inspirações?

MVR: Olha, eu vou contar pra vocês. Foram três coisas que estavam me impressionando e eu estava pensando nelas, e um dia “click”, elas se juntaram para fazer um enredo. Eu me dei conta de que escrever um romance que ajudasse os outros a olhar para essas coisas, sabe. Eu quando escrevo um romance, quando escrevo ficção, na verdade o que eu estou fazendo é dizer “olha pra isso”. Eu não digo o que a pessoa tem que pensar sobre isso. Eu pretendo dirigir o olhar e dizer “olha pra isso” e “pensem sobre isso” e, se possível, ajam. Então, aconteceram várias coisas. Uma vez, há uns dez/doze anos atrás, eu recebi um telefonema assim, às 21h30min da noite, sabe, celular velho que não segura bateria? Eu só entendia três palavras: Severino, trauma e moto. Aí tinha uma senhora que vinha aqui em casa nos ajudar na faxina e eu sabia que

o marido dela chamava Severino e tinha uma moto velha. E “trauma” é o nome que se dá aqui, popularmente, ao Hospital de Traumatologia e Acidentados. Então eu entendi que o Seu Severino tinha sofrido um desastre de moto e estava lá no Trauma. E eu corri pra lá, porque ela estava claramente pedindo ajuda, embora a conversa não fosse uma conversa completa. Aí o que aconteceu: eu cheguei lá, peguei o carro, corri pro Trauma, e quando chego lá, o Seu Severino já estava lá dentro, estava sendo tratado, parece que não era tão grave assim. Mas o que eu descobri é que esse hospital, no saguão, não tinha sequer um banco para família esperar. Porque lá só ia gente que estava muito grave: desastre de carro, tiro, facada. E aí o que eu fiz: eu vi que não tinha sequer banco para a família sentar e ficar esperando notícia. Você tinha que entregar o doente, ir embora pra casa, e voltar no dia seguinte. Mas as mulheres não se iam embora. Então você tinha as mães, as mulheres, as namoradas, as filhas, a vizinha, todas sentadas no meio-fio, assim, na calçadinha que dá volta ao hospital, no meio da noite, muitas vezes vestidas com um shortinho e um bustiê que aqui, como faz muito calor, é mais barato se vestir, né? Então o pessoal às vezes fica em casa assim, e aconteceu um tiro, uma facada, uma coisa, a mulher se meteu junto com o ferido na ambulância ou no carro da polícia e foi-se embora pra lá. E aí eu fiquei impressionada porque elas estavam às vezes até descalças, do jeito que tinham chegado lá, não tinham o que comer, não tinham nem água pra beber, não tinham como avisar suas famílias. A única que tinha um celular, e que era aquele celular de quinta mão que já nem segura mais a bateria, era a minha amiga Ana. E o que aconteceu foi que eu comecei a tentar ajudá-las: levar de volta em casa pra ela poder avisar os outros o que tinha acontecido, trocar de roupa, tomar um banho, comer, enfim. O Seu Severino na manhã seguinte recebeu alta, mas eu fiquei lá, porque eu não tinha coragem de abandonar aquelas mulheres e cada vez chegavam mais. Então eu fiquei umas 48 horas sem voltar pra casa, andando pela cidade ou levando comida, levando coisa lá pro Trauma, até que acabou a gasolina do meu carro e acabou o restinho que tinha no meu cartão da Caixa Econômica e eu tive que voltar pra casa. Eu me lembro que eu tive que pedir ao motorista de táxi que me passasse um pouquinho de gasolina pra chegar até em casa, ele veio comigo, me acompanhando, pra eu chegar aqui e arrumar um dinheirinho pra pagá-lo. E aquilo me impressionou demais. Nessas andanças com essas mulheres, eu descobri que havia lugares por onde eu muitas vezes já tinha passado e nunca tinha percebido que entre um casarão e outro tinha um “bequinho” de um metro e meio de largura. E a gente entrava por esse “bequinho” que a gente antes não tinha percebido e caía num outro mundo, por trás das casas boas, visíveis, que dão pra rua, e encontrava tipo uma favela ou casarões velhos abandonados, onde o povo tinha se ajeitado pra viver. E aí eu comecei a procurar e descobri que a cidade estava cheia de buracos,

que me fizeram logo pensar em *Alice no País das Maravilhas*, mas buracos pelos quais você ia entrando e você vai parar num país das “desmaravilhas”. E eu fiquei com aquela ideia, aquilo me incomodando, e eu comecei em qualquer lugar que eu ia a prestar atenção, e se pudesse entrava por esses caminhos pra ir ver quem estava vivendo lá, como vivia, conversar. Isso é uma das coisas. A outra coisa foi que eu comecei a perceber vivências e conversas que as mulheres da minha geração e seguintes, que estavam já passadas dos 60 anos e aposentadas, muitas delas tinham se tornado... Elas tinham vários planos pra quando aposentassem, porque foi a primeira geração que enfrentou desmanchar casamentos dolorosos, criar os filhos sozinhas e, em geral, os maridos não pagavam a pensão dos filhos, então, elas foram para o mercado de trabalho, passaram a vida até os 60 anos “dando duro” para manter seus filhos e para continuar a vida. Mas quando chegam os 60 anos, os filhos já estão adultos e se casando; para os filhos, a vida da mãe acabou, como vida autônoma. Então agora ela tem que virar avó profissional. Os filhos não querem mais mudar, fazer o sacrifício de cuidar de crianças pequenas, e estavam assim, querendo continuar na mesma vida que eles tinham, e a avó ficava em casa tomando conta de menino, de bebê, o que me parecia uma coisa muito injusta. Porque eu, como nunca me casei, escolhi não me casar e nem ter filhos, eu podia continuar. Eu já estava com mais de 60 anos e podia continuar fazendo atividades numa vida que tinha sentido. Até comecei uma atividade nova, porque eu comecei a publicar Literatura aos 60 anos. E teve um terceiro fato: é que nos anos 70 e 80, havia muitos voluntários estrangeiros que vinham trabalhar no Brasil, sobretudo nos anos 70, que eram jovens para escapar do serviço militar americano, que era a época da Guerra do Vietnã. Eles podiam escolher não fazer o serviço militar, mas fazer dois anos de trabalho voluntário num país de terceiro mundo, como se dizia. Então eles vinham pra cá, e depois muitos desses, às vezes eram jovens casais, eles adotaram crianças abandonadas brasileiras. Pela nova lei do Estatuto da Criança, quando acaba a legislação eles têm todo direito de, mais tarde, voltar ao Brasil e o Estado brasileiro ter que ajudá-los a encontrar seus pais biológicos ou, pelo menos, sua mãe biológica, porque quase sempre a única que se tem é a mãe. E aconteceu de que tinha uma irmã da minha comunidade que trabalhava no Centro da Justiça e, quando eram casos aqui da Paraíba, ela nos contactava pra gente ajudar a encontrar. E isso me impressionou muito: essa busca, alguém que está buscando seu filho, seu pai, seus parentes, e que não tem mais laços biológicos com ninguém e chega uma certa altura da vida que quer saber e fazem um esforço enorme pra encontrar sua mãe biológica, seus irmãos. E, de repente, essas três coisas fizeram “click” e me surgiu na-cabeça que eu poderia contar uma história que contemplasse esses três aspectos. Então eu mais ou menos fiz o roteiro do que seria esse romance, como seria, que forma que ele teria.

Inclusive, eu escrevi as primeiras vinte ou trinta páginas, eu acredito que vocês viram que nas primeiras 20 ou 30 páginas ela está contando pra Barbie o que aconteceu entre ela e a filha. É um pouco o resumo dessa história que eu falei, que os filhos estavam achando que a vida das mães acabava com a aposentadoria e que elas só tinham que ser avós. E aí eu pensei em fazer uma experiência, porque eu não sabia se era bem verdade que todas as cidades tinham os buracos de Alice. E eu quis fazer isso numa cidade que eu não conhecesse muito, pra fazer a experiência de descobrir. E aí eu tinha amigas aéreas, tinha 15 dias livres e tinha em Porto Alegre uma comunidade das irmãs da minha congregação que poderiam me dar apoio. E aí fui pra Porto Alegre, uma cidade que eu conhecia só de passar como turista ou para algum evento, e não para explorar os recantos da cidade. E aí eu fui pra lá, passei uns 15 a 20 dias, andando pela cidade de dia e de noite e usei como senha, para poder entrar em qualquer lugar, justificar minha presença ali e conversar com as pessoas, a mesma coisa que depois eu dei à minha personagem, que era procurar por um jovem paraibano que tinha vindo trabalhar e fazia um ano que não dava notícia pra mãe. E aí eu descobri uma coisa incrível, que você falar de mãe desesperada porque não sabe onde está o filho é um “abre-te sésamo”, todo mundo quer ajudar, ninguém duvida disso e todo mundo tem uma história pra contar de um filho que desapareceu, ou às vezes de uma vizinha, de uma amiga, de uma parente, etc. E até o pessoal, por exemplo, do tráfico organizado, num lugar que era perigoso e que ninguém queria que eu fosse e eu fui, se propuseram a me ajudar. É uma coisa impressionante isso. Então eu percebi assim que, muitas vezes, quem vive no asfalto ou embaixo, desconfia por princípio daquele que é mais pobre e que vive nos lugares mais afastados, mais escondidos, e não vai lá, não conversa com eles, e olha com desconfiança. E eu vivi essa experiência de conviver e voltar várias vezes ao mesmo lugar e perguntar, pedir ajuda para encontrar uma pessoa sumida, e todo mundo queria me ajudar. Então eu achei importante dizer “olhem pra isso, gente”. É por isso que eu escrevo. Eu escrevo pra dizer aquilo que eu vi, e que me impressionou, que me desafiou, também precisa ser visto pelos outros. Porque se a gente não se vir uns aos outros, toda a solidariedade desaparece e todos os laços sociais vão apodrecendo, se desligando, e nós vamos nos tornar uma espécie de robôs. Eu conheço gente que já virou periférico do seu celular. Não é o celular que é o periférico ou que é o equipamento dele. Ele é que se tornou equipamento do celular. Ele está ali apenas dominado por um aparelho que faz com que ele vire uma espécie de “autista digital”, quer dizer, ele não consegue mais se comunicar com o mundo real à sua volta. E isso é uma coisa muito complicada: viraremos todos robôs.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Oi, eu sou a Bruna do 3º A e a minha pergunta é: Qual foi a sua reação ao saber que o livro fez um sucesso imenso a ponto de ser referência para vestibulares? Como você se sente ao saber que sua obra está sendo utilizada na Residência Pedagógica com alunos do Ensino Médio?

MVR: Olha, na verdade eu só comecei tarde a publicar esses livros de literatura, publiquei outras coisas, mas não eram ficção. Eu só comecei a publicar ficção aos 60 anos de idade. E eu, na verdade, vivi 60 anos, 60 não, mas 50 pelo menos como educadora, porque muito cedo eu comecei com isso. Meu pai era médico e ele era chefe de uma enfermaria na Santa Casa de Misericórdia e, naquele tempo, nos anos 40/50, não existia SUS, não existia nada, então as pessoas que não podiam pagar médico particular eram chamados de “indigentes”. Então meu pai tinha uma enfermaria de indigentes, e quando as pessoas passavam da crise, ele era obrigado a dar alta, porque tinha uma fila de gente que estava muito pior pra entrar. Mas ele ficava muito preocupado porque ele sabia que, voltando pras suas condições de vida, as pessoas iam piorar de novo. Então nos sábados e domingos ele não atendia cliente particular, só se fosse caso de vida ou morte. Ele costumava a cada sábado, cada domingo, voltar para os lugares mais pobres da cidade para visitar os clientes e outras pessoas que tinham passado pela enfermaria dele. Então quando eu aprendi a ler e escrever, ele me levava com ele. E a gente subia um morro que tem lá em Santos, que eu me criei em Santos, a gente subia um morro íngreme, íngreme, íngreme, cuja descida acabava na porta de um cemitério. Então, quando eu aprendi a ler com 7 anos, meu pai me levava com ele nessas excursões. Ele ia descendo devagarinho pelo morro, de casa em casa, e ele me dizia “você leva livros de histórias pra você ler história para as crianças, porque as crianças de lá não sabem ler e elas não têm livros”. E eu ia com meus livros de histórias, subia com ele até lá em cima, mas no morro, por exemplo, do Saboó lá em Santos, não tinha nenhum lugar plano onde eu pudesse me sentar com as outras crianças pra ler histórias. Então a gente descia correndo, a criançada toda junta comigo, a gente correndo, correndo, correndo, e ia se sentar lá no cemitério. E eu lia histórias e depois que a gente acabava de ler as histórias a gente brincava de pique-esconde no cemitério. Então veja, pra mim, eu sempre tive sucesso literário nesse sentido, sabe. Cada vez tinha mais criança. As crianças iam chamar outras crianças que não moravam em cima do morro, mas embaixo, e aquilo era uma festa. Depois eu escolhi ser educadora popular, então eu tinha sempre multidões à minha frente. Pra mim, esse é o meu grande sucesso, sabe. De ter podido levar pra escola muita gente, a gente teve que criar aqui no interior da Paraíba um sistema de escolas paralelas, que nós nem chamávamos de escola, chamávamos de “canteiro”, porque nunca conseguimos convencer o Governo de que as férias na zona da cana tinham que

ser em outro momento, porque as férias de julho tinham que ser antes, as aulas tinham que ser nas férias, que era o momento em que não se corta mais cana, porque de agosto a dezembro as crianças iam cortar cana, porque não tinham como viver só com estudo, porque ganhavam por produção. Era uma coisa violenta. Então nós começamos a criar escolas que funcionavam em outro horário, em outra época, em outro momento, que nós chamávamos de “canteiro”. E aí nós fomos desenvolvendo uma metodologia muito especial. Então o meu sucesso maior, que mais me tocou na minha biografia, eu já tinha. Que era, sabe, você fazer uma assembleia com trabalhadores, cortadores de cana, e ter cinco mil pessoas na sua frente, ter que subir em cima da caçamba da caminhonete e berrar porque nem energia elétrica para pôr microfone não tinha. Então eu fico contente, sabe, porque o meu livro correu o mundo e está, inclusive, sendo, não só esse, tem outros também, sendo indicados para vestibulares de várias universidades. Desde 2008, tem livro meu em vestibular, esse aí, outros também. Pra mim, é como que eu continuei a fazer a mesma coisa que eu estava fazendo sempre, que é com as histórias que eu conto e com as histórias que eu faço as pessoas contarem, experimentar uma identificação, uma vontade de conversar, uma compreensão melhor de nós mesmos. Então, eu não tenho medo de gente, nunca tive, justamente porque vivi a minha vida toda com gente de todo tipo. Até quando fui pra Porto Alegre ano passado, uma amiga minha quis fazer um documentário, e eu entendi que era assim, um documentário a partir de *Quarenta Dias*. Eu entendi que eu ia guiar a câmera pelos lugares por onde eu andei e mostrar aquilo que eu vi. Mas que nada! Nem câmera, nem ninguém, tinha coragem de subir nos lugares, nem de entrar nos lugares que eu já tinha entrado. Mas o que me fez entrar, foi porque eu estava sem medo, sinceramente, o povo não tem medo da gente quando percebe que a gente não está ali pra ameaçar ninguém, nem está com medo de ninguém. O medo incita o medo né. O medo incita agressividade. Então, eu fico muito contente. Ou seja, eu não tive a intenção de abandonar a minha vocação de educadora. Eu estou continuando a contribuir com isso. Às vezes é difícil, a tal da fama, às vezes é bastante pesada. Porque eu, por exemplo, é impossível me lembrar de todo mundo que me pediu autógrafo. E ando às vezes na rua, em algumas cidades, por exemplo, semana passada estive em Belo Horizonte. E as pessoas me reconhecerem na rua e vem me abraçar e eu fico constrangida, porque eu não sei quem é. Eu não sei se é uma prima minha que eu não lembrava mais, eu não sei se eu teria que me lembrar. E no fundo é alguém que assistiu alguma fala minha num evento literário, e ela me reconhece, mas eu não tenho como reconhecer, ainda mais que eu enxergo muito mal. Então, é mais a educadora que há em mim que fica feliz e que é atingida por esse fato de que, afinal, os meus livros estão fazendo uma carreira, sobretudo no meio educacional. Isso pra mim, eu não podia querer nada de

melhor. Não é uma mera distração que eu estou fazendo ou que eu estou oferecendo aos outros, e eu não devo isso só a mim, não é talento. É porque, justamente, eu passei a vida toda recebendo dos outros o conteúdo de vida desafiador, variável, muitas vezes triste, muitas vezes alegre, mas pra mim sempre esperançoso. Eu sempre convivi com essa capacidade de resistência e de criatividade do nosso povo que, nas piores condições de vida, consegue encontrar alegria, inclusive. Consegue, às vezes, rir, se divertir, cantar. E aqui no sertão do Nordeste, por exemplo, é uma coisa impressionante, porque nas piores condições de seca, de fome, o pessoal é capaz de improvisar verso, e vai pra feira cantar. Não tem dinheiro pra comprar, mas vai pra feira pra cantar ou pra ouvir os cantadores, os poetas de Cordel, tudo isso. Então é uma coisa muito misturada, assim, de dor e alegria.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Oi, eu sou o Vinicius, do 3º B, e a minha pergunta é o seguinte: Depois de decorridos alguns anos, queria saber se você faria alguma alteração na sua obra, e qual seria.

MVR: Olha, vocês repararam que o livro não acaba, né? Ele não tem desfecho. Se você pegar a última frase, ela dá a entender assim, olha, sabe, “eu vou fechar você aqui”, vou fechar o caderno, ao falar com o caderno que tem a Barbie na capa, ela diz “agora vou fechar aqui e, bom, não sei, quem sabe um dia eu abro de novo . E tem ali uma possibilidade se eu quiser fazer o segundo volume. Eu acho que eu não poderia, porque já estou com meu prazo de validade vencido há muito tempo. Quando eu nasci, em 1942, a perspectiva de vida pra quem nascia era 56 anos. Eu estou com 77, então, são 21 anos de prazo de validade vencido. Eu estou escrevendo dois outros romances ao mesmo tempo, porque com o pessoal daqui de João Pessoa eu tenho duas oficinas de escrita de romance, que é o que eu chamo de “Oficina de Escrita Solidária”. Então cada um está escrevendo seu romance e toda semana a gente se encontra pra um ler pro outro e aí a gente conversar sobre o que cada um está escrevendo. Então eu também escrevo o meu, mas pra não ser o mesmo, eu faço dois ao mesmo tempo, um junto com uma oficina, um junto com a outra. Então, é, eu poderia continuar. Eu não mudaria nada do que está escrito já, porque a forma que eu gosto de escrever é um presente com voltas ao passado pra lembrar. Vocês vão ver que a história não está contada tim tim por tim tim, primeiro dia, segundo dia, terceiro dia, quarto dia. A memória da gente não funciona assim. A nossa memória dá saltos, a nossa conversa dá saltos sempre. Você lembra de uma coisa que já se passou, fala daquilo que ainda vai fazer, comenta o que está fazendo no presente, aí vai de novo pro futuro, daí volta de novo pro passado. E a minha escrita também faz assim. Mesmo que eu tenha na cabeça o fio da

história bem arrumadinho, a minha maneira de contar, eu procuro que ela seja o mais próximo possível da nossa maneira natural de nos expressar e de conversar. Eu quero conversar com o meu leitor. Então eu não mudaria aquilo que já está feito. Mas se eu tivesse uma extensão de prazo, eu poderia continuar. Porque eu poderia voltar, anos depois, a visitar aqueles mesmos lugares e perceber o que foi que mudou, procurar ver se eu ainda encontro alguma das pessoas que eu encontrei, e relatar essa mudança. Aliás, tem um outro livro meu, que se chama *Outros Cantos*, que é exatamente assim. A narradora é uma mulher que, já idosa como eu, está voltando, viajando uma noite inteira pelo sertão e vai se lembrando de como era aquele sertão quando ela foi pra lá pela primeira vez, quarenta anos antes. Então o livro vai e volta, vai e volta. Ela vai falando do que ela está vendo pela estrada e vai se lembrando do que aconteceu com ela quando foi pela primeira vez pelo sertão. Aliás, agora por outro lado, veja bem, quem por acaso ler meus outros livros, se for bem esperto, vai perceber que eu pego pedaços inteiros de um livro e jogo dentro do outro. E você põe num outro contexto e aquilo muda de sentido, tanto que as pessoas não percebem isso. Ninguém veio me dizer “ah, você copiou um pedaço de um livro, um parágrafo, e botou no outro”, ninguém me falou, não, mas eu fiz isso! Eu fiz isso e é uma experiência, justamente pra ver se o leitor percebe até que ponto que você pega o mesmo parágrafo e muda de contexto e ele muda de significado. É pra explorar um pouco como é o processo de escrita e leitura, aí eu faço essas brincadeiras. Há textos meus que eu escrevo várias vezes, em várias versões. Há pouco tempo eu fiz um livro infanto-juvenil, infantil, é uma história de fadas, que é uma grande brincadeira. É uma história de fadas que começa parecida com a *Bela Adormecida*, que cada fada vai lá e dá um presente pra princesa, um que ela vai ser linda, outro que ela vai ser muito inteligente, outro isso, outro aquilo. Mas eu fiz duas versões da história. Tinha uma fada meio atrapalhada e quando ela chegou, ela chegou atrasada, aí ela disse que a menina ia ser doce como o mel, e o que aconteceu?, a menina ficou doce como o mel e foi um inferno, porque todas as abelhas de todos os reinos vieram pra lá, então a rainha não conseguia dar de mamã pra nenê, ninguém conseguia chegar perto dela. Tem uma outra versão que é o contrário: a fada atrapalhada, quando chega, ela diz “ela vai ter um cheiro, que todo o reino vai ...” e na hora que ela estava falando isso ela soltou um pum, e aí a menina ficou com cheiro de pum, a princesa. São brincadeiras que eu faço justamente porque eu não quero fazer um texto irretocável. Eu quero fazer um texto que, se o leitor quiser, ele pode não concordar, dizer que aquela história ficava melhor de outro jeito, reescrever minha história, conversar com ela. Porque eu acho que a boa literatura é aquela que dialoga com o leitor, provoca o leitor, faz o leitor ficar imaginando,

inventar ali também, fazer de outro jeito, deixar brechas pro leitor inventar. Então, talvez eu não teria pachorra pra mudar o que já está escrito, mas eu poderia escrever o segundo volume.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: *Olá, meu nome é Maycon. Eu sou do 3º ano A. Minha pergunta é a seguinte: o título Quarenta Dias tem alguma relação com a Bíblia?*

MVR: Olha, na verdade, quarenta dias tem muitos significados. Eu, por exemplo, que nasci e cresci no Porto de Santos, uma das coisas que eu estava acostumada era o seguinte: quando chegavam imigrantes de outros países, principalmente nos anos 40 e 50 ainda, que eu já era adolescente nos anos 50, a gente sabia que existia perto do porto ali, fora da cidade, na beira do mar, um lugar onde todos os imigrantes que vinham de outros países, fugidos da guerra, ficavam durante 40 dias em observação antes de poder se misturar com a população da cidade pra ver se, por acaso, eles traziam alguma doença contagiosa. Então tem a quarentena a que eram submetidos os imigrantes. Você tem os 40 anos que o povo hebreu andou pelo deserto. Você tem a Quaresma, no costume católico, não é, que são 40 dias antes da páscoa em que se faz uma certa penitência, se reflete especialmente, e se refere aos 40 dias que Jesus passou em retiro num deserto. Você tem também, aqui no Nordeste, pelo menos, é muito comum, não sei se no Sul também se cultiva isso ou se é muito antigo do sertanejo ou nordestino. É que depois do parto a mulher fica em repouso, que se chama o “resguardo”, e o resguardo é os 40 dias. Então é curioso isso. Claro que isso mereceria um estudo interessante, pra ver se todos esses quarentas têm uma relação entre si, por quê quarenta dias, por quê quarenta anos. Mas que quarenta é um número, assim, que representa um período de passagem, um período de transição, em que você entra nele de uma maneira e vai sair de outra. É uma passagem necessária e dolorosa, às vezes, ou custosa ou enfadonha, em que a pessoa fica restrita. Ela não se distrai com outras coisas, ela está concentrada, e de onde ela vai sair diferente, com uma vida diferente. Se eu estou saindo de um resguardo de 40 dias de um parto, a partir desses 40 dias a vida vai ser diferente do que era antes e assim vai. E imigrantes que ficavam 40 dias de observação não era só no Brasil, era em todo lugar, porque não havia anticorpos, não havia os mesmos medicamentos que se tem hoje, então, tinha que se evitar doenças contagiosas que pudessem causar epidemias. E as condições de vida dos navios nos quais vinham os imigrantes eram muito ruins, então, havia inclusive doenças que se pegava em viagens. E uma vez passados esses 40 dias, a vida dele ia ser completamente diferente do que era antes. É um pouco isso que eu fiz, muito conscientemente, porque ela podia ter andado 30 dias, ela podia ter andado 50, mas 40 me pareceu que tinha um significado muito rico. Porque é isso que acontece com a Alice. Ela é uma e, depois desses 40 dias em que ela

percorre a cidade, encontra uma porção de gente, e vai pensando sobre tudo aquilo e vai descobrindo, ela é outra.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Oi, bom dia. Meu nome é Beatriz e eu sou do 3º B. A minha pergunta é: Qual o motivo de substituir os títulos dos capítulos pelas epígrafes? Essas epígrafes têm alguma relação com os sentimentos, pensamentos e/ou visão de mundo da personagem principal?

MVR: Olha, primeiro, o seguinte: aquilo ali é um caderno em que uma pessoa está desabafando. Ela está desabafando. Ela não tem com quem desabafar e desabafa com a Barbie. Ela até diz isso “eu preciso falar com alguém sobre tudo que eu vi e vivi, mas se eu for dizer pra alguma pessoa conhecida vão achar que eu estou doida, vão me internar num hospício”. Então ela fala com a Barbie, porque a Barbie é boba e não vai fazer nada. Então, veja bem, ela está desabafando. Teve uma pessoa que não entendeu direito e que disse assim “ai que pena que a revisão foi mal feita, tem uns parágrafos, o próprio livro não tem ponto final”. É porque ela não entendeu que é a natureza do texto. Eu fiz um texto que é um caderno de desabafos, mas que era um diário. Ela escreve todos os dias, ou às vezes passa, mas ela está desabafando o que ela viveu. Então, como é que era mesmo a pergunta? Eu estou velhinha, sabe? Às vezes eu esqueço assim. Ah sim, sim, sim, volta, já me lembrei! É porque ninguém escreve um caderno de desabafos com capítulos, né? Mas é também porque eu queria instigar o leitor de ser um livro que não para nunca. Porque quando a gente está lendo um romance, a gente não lê tudo de uma vez. Então gente lê de noite ou na hora que, sei lá, que chegou da escola ou não sei o quê. A gente diz assim “ah, tá faltando só um pouquinho, vou ler mais esse capítulo”, não é verdade? É importante o livro ter marcas assim pra gente descansar um pouquinho, chegar à conclusão daquele pedaço, recomeça mais tarde o outro pedaço. Só que ficava falso se eu pusesse capítulo 1, capítulo 2, capítulo 3. Por outro lado, faz parte da história dela, como era uma grande leitora, ela se enfiava pelos sebos, pelas livrarias pra descansar e ia lendo pedaços de livros, e tudo que ela achava que lhe dizia alguma coisa ela ia anotando em pedaços de papel. Então vocês vão reparar na diagramação do livro que às vezes está, do lado de cá, uma figura que pode ser de uma propaganda de imobiliária, de petshop, de qualquer coisa, e do outro lado você vai ter aquilo que parece uma epígrafe, que é o que ela tinha copiado. Então as epígrafes fazem parte. Ela vai colando no caderno as coisas que ela trouxe com ela, os papeizinhos que ela tinha com ela, com pedaços de livros anotados, e que conversam com o texto, conversam com a experiência dela. Então o que acontece é o seguinte: foi muito fácil pra eu fazer isso. Porque quando eu estou

escrevendo um livro, eu continuo lendo. Eu leio. Antigamente eram duas mil páginas por semana, agora, como eu não tenho mais olho, é umas 500 páginas por semana pra ler. Então quando eu estou escrevendo um romance, tudo que eu leio, que conversa com o que eu estou pensando, com o que eu estou escrevendo, eu marco no livro com grafite. E aí eu tenho uma secretária que me ajuda, por causa da questão dos olhos, porque eu tenho muita dificuldade de lidar com e-mail, com essas coisas todas, com conta de banco, com não sei o quê. Então ela digita pra mim. Quando eu acabei de escrever o *Quarenta Dias*, eu tinha 500 citações que eu tinha destacado dos livros que eu tava lendo e que me interessaram naquele momento em que eu estava com a cabeça no *Quarenta Dias*. E aí foi muito fácil, foi só escolher. E eu escolhi um critério: um, de mostrar escritores paraibanos que não estavam publicados fora daqui; um ou outro clássico que, às vezes, eram tão adequados àquele momento que eu pus naquele texto, e mulheres, autoras mulheres. Em geral, parece que só homem que escreve, eles também estavam convencidos. Agora a gente está convencendo que não é só homem que é capaz de escrever. Então, na verdade, eu escolhi com certo critério, que já não era mais o critério só literário, que era o critério militante. Vamos fazer conhecer autores que não são conhecidos e famosos, mas que às vezes têm mais qualidade literária do que os famosos. Porque ser famoso não é atestado de qualidade não, viu? É um jogo do bicho. A gente escreve aqui num concurso, ele ganha prêmio, se mudasse uma pessoa no júri provavelmente seria outro premiado. Porque não existe régua ou compasso pra medir qualidade literária. Depende muito da identificação, do gosto do leitor. Então eu posso gostar mais do livro A do que do B e você gostar mais do B que do A e nenhuma de nós é boba, e nem se pode garantir que este livro é o melhor. Quando alguém disser pra você que tal livro é o livro mais importante do mundo, você não acredite. Você leia primeiro pra ver se é, e leia outras coisas, e tenha a sua própria opinião. Não é preciso acreditar no tal do cânone que se diz da Literatura, que são aqueles livros canonizados, vira santo de altar. Não, não tem santo de altar. A gente tem todo direito de detestar até as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que eu acho difícil alguém detestar, porque é um livro maravilhoso. Mas tem o direito de detestar.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Bom dia, me chamo Jair, e sou do 3º A. A pergunta é: qual o motivo de inserir os anúncios publicitários na obra?

MVR: Justamente porque ela sai pra rua de mão abanando. Com uma bolsa velha, assim, sem nada. E no caminho vocês lembram que ela acaba comprando uma mochila baratinha, porque ela encontra uns livros baratos pra vender. Mas o dinheiro acaba, ela não tem papel. Então ela entra em tudo que é livraria e sebo, e se esconde ali pra descansar na sombra e fica

lendo pedaços de livros. E às vezes tem alguma coisa que ela quer tomar nota porque ela acha que está falando com ela, com aquela situação em que ela está. E então ela vai guardando papel na rua, esses panfletinhos de propaganda. Eu mesma, como eu sei que o pobre do menino e da menina que está distribuindo isso na rua, é o único trabalho que encontrou, eu aceito. Embora não tenha bicho nenhum, eu aceito o papelzinho de propaganda do petshop, da revendedora de automóveis, eu não tenho um tostão pra isso, só ando de ônibus porque velhinho anda grátis aqui. Mas eu aceito, porque se a gente não aceitar o papel, a menina perde o emprego. Então na minha bolsa sempre tem papelzinho. E eu gosto muito de escrever haikais, que são poemas de forma japonesa, não sei se vocês conhecem. E às vezes eu vejo qualquer coisa na rua. Outro dia eu estava parada, assim, esperando pra atravessar o sinal, e, no meio de uma quadra que é só prédio alto, de repente eu ouvi um galo “cocoricando”. Então, na mesma hora, aquilo pra mim é uma coisa que eu tenho que marcar. Aí eu pego um papelzinho qualquer que está na minha bolsa e escrevo lá: “entre edifícios, soa fora de lugar a voz do galo. ponto”. É um haikai, e que me grava aquilo ali, que é um momento de surpresa assim no meio da cidade. Então eu mesma ando, cato papel. Tem sempre papel solto na minha bolsa. Eu ando com uma caderneta também, mas às vezes não dá tempo nem de achar a caderneta. O primeiro papel que tiver eu pego e aí tomo nota de alguma coisa. Então eu emprestei isso, porque também é uma maneira de dividir o livro em partes, pra não castigar o leitor que tem um texto só, sem nenhum momento de dizer “aqui eu paro e continuo depois”. Foi isso. Pra vocês verem que a gente pode escrever como bem quiser. Tem um outro livro meu que se chama *O voo da Guará Vermelha* que eu não queria pôr aquela coisa burocrática, com algarismos romanos I, II, III nos capítulos. Também não queria botar um título no capítulo que acabava com a surpresa, que já era um spoiler às vezes. E aí eu me lembro que o primeiro capítulo eu tinha escrito pensando que era só um conto, que tinha chamado “O cinzendo e o encarnado”. E aí eu falei “uai, eu vou ver se tem cores em todos os capítulos”. E de fato tinha. Aí foi uma descoberta divertida que eu fiz. Que eu sou muito colorista. Eu boto cor nas coisas. E eu descobri que todos os capítulos se referiam à cor de alguma coisa. E eu peguei aquelas cores e coloquei como nome do capítulo. O resultado foi que teve uma menina que fazia Mestrado em Letras na Ilha da Madeira, que fez a dissertação dela sobre o colorismo na minha obra. Então a Literatura é legal por isso: você faz uma coisa e o outro vê outra. Eu sei o que escrevi nas linhas, mas o que está nas entrelinhas são vocês que vão me dizer, porque cada um vai ler outras coisas nas entrelinhas, certo?

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA/Profa. Ana Paula: Entre as atividades propostas, foi dada atenção aos elementos compositivos da obra, como a presença recorrente das epígrafes e dos anúncios publicitários. Considerando que esses aspectos têm uma motivação, não são arbitrários, procurou-se estabelecer sentido para as epígrafes e para os anúncios levando em conta a situação narrativa, de modo a suscitar nos alunos a leitura das entrelinhas.

MVR: Descobrir. É isso que eu acho. Pra mim, como escritora, a minha maior alegria é quando os meus leitores me fazem ver coisas que eu não tinha visto no meu texto, ou me chamam atenção pra alguma coisa que eu não tinha muita consciência de estar fazendo. O livro, quanto está só na estante, papel e tinta, ele é uma coisa morta. Ele só revive na hora que outra pessoa entra e conversa com ele, conversa comigo, e bota a sua interpretação. E isso é que é bacana. Quer dizer, o livro não é nunca o mesmo. E eu mesma, como sou bem velha, eu já fiz a experiência de pegar um livro que eu li a primeira vez com 12 anos de idade, reler com 35 e reler, agora, com 70. São 3 livros diferentes. Não foi só a minha cara que mudou, mas outras coisas também foram mudando em mim: a minha visão do mundo, as referências, os sentimentos, as experiências. Eu andei muito pelo mundo inteiro, eu fui nômade sempre, ainda sou porque vivo andando quando posso pra eventos e coisas assim. Semana passada eu estive em Belo Horizonte, ontem eu fui pra Recife, daqui há 3 dias eu vou pra Mãe D'água. Vocês depois vão olhar no mapa da Paraíba onde fica Mãe D'água, não é lindo um município que se chama Mãe D'água? E é no sertão. É bonito, é um lugar lindíssimo. Então eu vou lá de carro. Aqui na Paraíba tem muito festival literário, em quase todas as cidades. Então é o estado com a maior densidade artística do Brasil. É isso. Eu gosto demais de vocês terem hipóteses. E depois me contem todas, porque me ajuda a eu mesma a ler e reler o que eu escrevi com outro olhar.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA/Profa. Ana Paula: Considerando o contexto da sua fala é que remeto a um estudioso francês, Vincent Jouve, que afirma que “o autor não controla inteiramente o que faz”; aspecto que encontra ressonância na sua fala.

MVR: É isso mesmo. A gente tem uma surpresa. Porque quando eu mesma vou ler, depois de ter lido ou ouvido o que os outros leram, eu também vou ler o meu livro como leitora, que é diferente. A gente relê muito enquanto está escrevendo, pra corrigir, pra aperfeiçoar, lixar e polir. Mas essa é a leitura da escritora. Depois que passa um tempo, aí eu posso ler o meu livro enquanto leitora. E aí é muito divertido e interessante. E eu percebo coisas que eu mesma não percebi enquanto eu estava escrevendo. É o mistério da palavra. Ela não é unívoca. Ela pode ter muitos significados dependendo do contexto.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Oi, tudo bom? Meu nome é Bianca, eu sou do 3º B e a minha pergunta é o porquê da escolha de João Pessoa e Porto Alegre como espaços narrativos?

MVR: Olha, na verdade, João Pessoa porque eu conheço muito bem. Porque eu conheço as pessoas que me contaram essas duas histórias, que estavam se sentindo forçadas. Olha, por exemplo, uma amiga levou uma vida duríssima trabalhando, trabalhando para criar os filhos, e ela tinha vários sonhos: um que era escrever livros, porque ela é uma pessoa com enorme formação, sempre leu muito; outro era fazer uma viagem para a Grécia, porque ela lecionava História Geral no Ensino Médio e sempre teve vontade de visitar a Grécia depois de tanto estudar e falar; e tinha mais uma coisa que ela sonhava que era fazer um curso de cozinha. E ela não conseguia fazer nada porque a filha era quem se sentia no direito de fazer tudo isso e para isso a mãe tinha de cuidar dos netos pra deixar a filha curtir sua vida livremente; porque João Pessoa é o meio do mundo, se você pegar o mapa vai ver que a gente está no meio do Oceano Atlântico, então é muito mais perto para viajar para qualquer continente, do que estar aí no Sul. Então, a gente está à três horas da África de avião, à seis horas e pouco de Lisboa, à seis horas de Miami, à quatro horas do Panamá, à três horas e meia de São Paulo, à quatro horas de Curitiba, sei lá, é mais ou menos o meio do mundo, é ou não é? Então, é uma paraibana, eu sei bem como é uma paraibana e eu sou bastante paraibana, porque já vivi mais da metade da minha vida na Paraíba, tenho diploma de paraibana e tudo. Então, eu tinha todas as referências do modo de falar, modo de pensar, as experiências e etc. E eu queria fazer uma experiência de ir para um lugar bem longe e diferente da Paraíba; e aí surgiu a oportunidade de poder ter feito isso, não sei, Florianópolis, em Mato Grosso, mas eu achei que Porto Alegre era legal, porque realmente tem muitas diferenças na fala, nos costumes, na composição étnica do povo e tudo isso. E é uma cidade muito grande, então eu supus que devia haver muitos “buracos de Alice” por ali e de fato achei, muitos, muitos. Toda cidade grande tem avesso, talvez as cidades menores também tenham avessos. Uma experiência interessante que vocês poderiam fazer é procurar se na cidade de vocês tem buracos de Alice, que passam para outro mundo que não é aquele que você vê todo dia. Deve haver, estou apostando que há, depois vocês procurem e me digam. Porque tem lugar que a gente nem sabe que mora gente lá dentro, como um antigo hospital abandonado, um antigo não sei o que abandonado que tem gente morando lá dentro.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Oi, meu nome é Taynara, eu sou do 3º B e eu queria fazer uma pergunta que é: o romance retrata a periferia da cidade de Porto Alegre, houve recriação desse espaço ou é cópia da realidade?

MVR: Olha, é um recorte da realidade. Eu não pretendi fazer uma reportagem sobre todos que vi; e não é só periferia, porque tem o centro da cidade. Se você um dia for para Porto Alegre, de noite, passe pelo Parque da Redenção, passe por debaixo do viaduto da Borges que você vai gente dormindo lá e que durante o dia você não vê; talvez agora você esteja vendo. Nesses últimos meses, em todo lugar que eu vou tem gente dormindo e vivendo na rua em qualquer momento, em qualquer lugar, dia e noite. Mas, naquele momento não era assim, quando eu fui pra lá, o que já faz uns anos, foi em 2011, eu acho. Eu fui pra lá e fui escrevendo, aperfeiçoando o texto depois. Então é um recorte da cidade, não é só periferia, porque, por exemplo, o Pronto Socorro é na área central da cidade. No fundo, a Alice fica “morando”, na parte central da cidade e ela faz excursões na periferia. Então, é o recorte da Porto Alegre visto pelos olhos de uma paraibana de sessenta e tantos anos. A gente não vê nada tal qual é. Uma experiência que todos vocês já devem ter: você encontra uma turminha que foram seus colegas no primário, que não se veem muito, mas um dia se encontram no aniversário de um. Aí começam a lembrar coisas do passado, aí alguém fala assim: “Lembra aquela vez que fulano caiu da cadeira e depois beltrano foi ajudar”; e outra pessoa vai dizer: “Não, não foi fulano não, foi outro”, aí você vai dizer: “Não, mas eu estava lá eu vi”, quer dizer, nós nunca vemos as mesmas coisas. Nós não vemos exatamente a realidade, diante do mesmo fato, cada um de nós vai absorver desse fato um aspecto, que é filtrado pelos nossos sentimentos e pelos nossos cinco sentidos. Então, o que vai ficar na memória de cada um de nós, mesmo esse momento em que estamos conversando aqui, será diferente: alguém vai lembrar uma frase que eu disse, outro vai lembrar de outras que mais lhe interessaram. Não vai ser a mesma coisa, pode ser que alguém diga: “Aquela velhinha é até bem bonitinha”, outro vai dizer: “Ave Maria, parece uma bruxa”, enquanto outro vai dizer “Ela pinta o cabelo” e o outro “Não, ela não pinta o cabelo, olha, está cheio de fiozinho branco, é um fenômeno que a velha tem 77 com um cabelo que não fica branco”. E é uma chatice isso, viu, porque as pessoas não me respeitam, porque eu falo que tenho 77: “Mas, gente, você está ótima”, é porque você está vendo por fora, eu que sei se estou ótima ou não; eu não enxergo nada, não ouço direito e você vem me dizer que eu estou ótima? Quer dizer, até o jornalista, quando já fez tantas reportagens sobre uma pessoa e que não é nada daquilo, desculpe, mas o cara entendeu mal; então nunca é uma descrição com a pretensão de ser uma fotografia exata do real. Aliás, nós temos cinco sentidos só, né? Então, a gente não percebe a

realidade toda, a gente percebe aquilo que os nossos cinco sentidos podem perceber. Por exemplo, qualquer cachorro, vocês sabem disso, tem uma audição muito mais ampla do que a nossa. Tanto que tem um apito para chamar cachorro, o cachorro vem e a gente não houve nada. Qualquer morcego tem um sentido a mais que nós, porque ele tem um sonar, que morcego voa no escuro e não bate no topo das árvores, não bate nas paredes porque ele desvia de tudo porque tem um sonar. O pato, um mero pato, tem uma bússola na ponta do nariz, ele vai para Sul, vai para o Norte certinho; as abelhas também voltam para a colmeia, enfim, a gente tem que ter consciência disso, de que nós percebemos só pelos nossos cinco sentidos, ainda mais eu, por exemplo, que de vários sentidos só tenho meio. Não é a realidade tal qual, é a minha percepção. Então, mesmo que a pessoa jure estar descrevendo exatamente o que aconteceu, não é o que aconteceu, é como ela viu algo. É isso daqui que a gente explora ao fazer ficção, entendeu? Eu enganar vocês, para vocês fazerem essa pergunta. Eu enganei vocês. Quando a gente escreve está sempre enganando e, às vezes, eu preciso enganar para poder dizer certas verdades. É curioso isso. Tem certas verdades que a gente só pode dizer com aparência de mentira, sobretudo em certos períodos da vida. Quando você tem, por exemplo, uma censura cultural muito forte, perseguindo quem fala, quem se comunica publicamente, a pessoa tem que fazer um arroteio para dizer o que está querendo, de maneira que todo mundo entenda, mas não possa acusá-la de estar dizendo inconveniências. A arte vem dessas contradições da vida, eu acho. Por isso, a gente diz que, e eu acredito muito, sem arte a gente não se salva. Todo mundo deveria ter uma atividade artística. Não dá pra se viver, sabe? Para pagar o supermercado, farmácia, a luz, a energia, tudo não é garantido com o trabalho de escrever. Escritor é mal pago. É como um garçom ou um cozinheiro em um restaurante de luxo que não tem salário, só recebe 10% da gorjeta do freguês. Porque o escritor é assim: a gente entrega o livro, a editora publica, a livraria fica com 30% do preço do livro, o distribuidor com 20, a editora com 40 e o escritor com 10 e isso é pago de 4 em 4 meses ou de 6 em 6 meses, sem juros e nem correção monetária. Então, a gente não é artista pra ganhar dinheiro, é muito difícil viver da arte. A não ser que vá pra televisão sacudir o corpo até o chão e etc., seja escolhido pela indústria fonográfica, seja escolhido por uma editora ou um marchand de arte para fazer sucesso. Mas todo mundo deveria ter ao lado da sua profissão, que é pra sobreviver, uma atividade artística qualquer para viver mais. Que seja dançar, que seja fazer esporte, porque esporte também é arte que depende da sua criatividade, da sua capacidade. Vai para uma aula de dança, desenhe, pinte, borde, participe de um clube de leitura, igual o Clube do Conto como nós temos aqui em João Pessoa, que se reúne regularmente – no início, nos primeiros anos, a gente se reunia todo sábado à tarde, das cinco às sete. Depois

começou a ficar difícil, porque alguns foram virando avós e sábado à tarde é hora de se dedicar aos netos, outros tiveram que fazer concurso e estão estudando adoidados. É um grupo que tem gente de 15 a 80 anos, e agora a gente se reúne a cada quinze dias. Tem um tema que é um desafio para cada um escrever um conto com aquele tema. Sábado passado nós fizemos um encontro em que o tema era “queda”. Então você fica o tempo todo procurando “o que eu vou escrever sobre queda que não vai passar pela cabeça dos outros escreverem?”. Então é um exercício de criatividade. Todo mundo deveria ter uma atividade artística qualquer e que não é só pra fazer sucesso, é pra se auto expressar, se construir e ter uma vida mais plena.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Bom dia, Maria Valéria. Eu sou o Gustavo Fernando do 3º B. A minha pergunta é a seguinte: Mais próximo ao desfecho, Alice vê um corpo, mas não toma atitude alguma. Qual foi a sua intenção com isso?

MVR: É porque, veja bem, aí é que está. Ela já estava mergulhada na marginalidade e em lugar perigoso, então ela podia ser a próxima vítima. Isso é uma coisa interessante, porque a gente muitas vezes censura, por exemplo, as mulheres que apanham e acabam vítimas de feminicídio. “Como que ela nunca foi reclamar? Como é que ela não denunciou antes?” É porque não é fácil. É muito fácil pra quem já tem algum apoio social, você se servir dos sistemas oficiais de apoio, mas não é tão simples assim. Ela não tem como tomar atitudes corajosas, primeiro, porque ela leva um susto enorme do meio da noite, ela já está meio perdida... É a partir daquilo ali que ela acaba voltando pra casa, porque ela estava em um ponto em que ou ela endoia de uma vez ou ela tenta se recuperar. Porque, de fato, é muito fácil a gente dizer que, em caso de agressão pelo marido, não sei o quê, por um homem, você dá queixa na delegacia da mulher. Só que, às vezes, a delegacia da mulher está a não sei quantos quilômetros de distância de onde você está e você não tem dinheiro para condução. E se você chegar lá toda esfarrapada, talvez não vão te dar atenção ou você não acredita que vão te dar atenção. É uma coisa muito comum naqueles que vivem mais marginalizados, não acreditarem em nada que o Estado oferece, nem nada do que devia ser. Porque, de fato, o que devia ser, não é igual para os mais pobres, marginalizados e abandonados, do que é para a classe média ou do que é para quem tem um *status* que se impõe, como você chegar lá com o seu uniforme de escola que todo mundo conhece ou com os símbolos da universidade ou uma aparência de quem dá mais ou menos bem na vida. Você vai ser recebido de uma maneira muito diferente daquela pessoa que chega cheirando meio mal, porque não teve onde tomar banho de graça, porque não tem uma roupa para mudar. Então, ela não tinha o que fazer. Ela nem sabia onde ela estava. Porque ela foge correndo, tropeçando, não é? Ela atravessa

um terreno baldio e ela foge no meio da noite para chegar em um lugar que ela, mais ou menos, conhece e você sente que ela está apavorada. Porque “quem foi que atirou nesse cara e que vai atirar em mim também?”. Porque eu escrevi, agora vocês podem criar: “o que ela poderia fazer?”; é um bom desafio para vocês. O que ela poderia fazer naquela situação, mas com coerência. É uma boa investigação para fazer.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA/Profa. Ana Paula: Uma hipótese de leitura é que a personagem tenha sido absorvida pela violência; algo para refletirmos.

MVR: Não é uma concepção da violência. Eu acho que é um sentimento de impotência. Não devia ser, mas nós não temos como fazer nada. Os que têm poder para fazer alguma coisa, não fazem e nem reconhecem essa existência. Eu falo muito com gente de rua, sempre falei muito. Teve uma época que eu trabalhei com uma organização que a gente procurava passar de noite conversando com o pessoal de rua, que muitas vezes estão na rua não porque não tem lugar, é porque não aguentam mais viver fechados. Por exemplo, aqui na porta da minha casa, aqui na rua, tem um rapaz, que já tem quase 40 anos. Ele passou nove anos preso, nunca consegui saber se ele foi culpado, pois nunca teve julgamento. Ficou preso, simplesmente preso. Eu nunca consegui saber direito se ele cometeu, de fato, alguma coisa ou não. Ele mesmo quando contava a história, contava enrolado, porque não sei se tinha algum problema de remédio controlado na prisão. Então, ele saiu meio alterado e a gente já tentou arrumar lugar para ele morar, os irmãos dele já chamaram e ele disse “se vocês tivessem passado nove anos trancados que nem eu, nunca mais iam querer ver uma parede em sua volta”. Então é uma experiência de mundo que é impossível de você adivinhar. Você tem que conversar um por um. Agora mesmo, lá em Belo Horizonte, eu fiquei impressionada com quanta gente tinha na rua e muitos deles, eu parei para conversar, e eram pessoas que, pelo modo de falar, pelo olhar direto, claro, você via que era verdade o que estava dizendo. Era um morador que ficou desempregado, fez o que pôde e enquanto pôde e acabou na rua e ainda continua procurando trabalho. Inclusive, às vezes, está todo bem vestido. Teve um que veio pedir “por favor, eu preciso de oito reais e cinquenta centavos para poder tomar banho na rodoviária”. Aí eu perguntei para alguém de lá, de Belo Horizonte, perguntei “É verdade que aqui pra tomar banho na rodoviária é preciso pagar 8,50?”, “É sim”. Então ele estava falando a verdade. Porque ele iria, no dia seguinte, de novo, procurar emprego, então ele precisava tomar banho todo dia, certo?

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Oi, tudo bem? É um prazer estar falando com a senhora. Meu nome é Luís Felipe e eu sou do 3º B. Eu gostaria de perguntar: Por que sua narrativa acaba com a personagem principal sem encontrar o Cícero Araújo?

MVR: Olha, na verdade, é uma das coisas que eu descobri e é incrível, que eu tenho posto à prova, que pergunto pra todo mundo. Primeiro, Cícero Araújo é um nome que você vai encontrar aqui na Paraíba, se você perguntar de Cícero Araújo em qualquer lugar, muita gente vai conhecer dois ou três. Porque Araújo é um dos primeiros nomes, das primeiras famílias que vieram pra cá, para o Nordeste, então podemos concluir que, em 500 anos, espalharam os Araújo, né? É um sobrenome muito comum no Brasil e aqui no Nordeste especialmente. E Cícero também, vocês sabem por quê? Vocês imaginam? Por que tem Cícero e Cícera em cada esquina? Por causa do Padre Cícero do Juazeiro, que é o grande beato do povo do Nordeste. São romarias infindáveis. Seria interessante, vocês podem fazer através do Google aí, pela Internet, uma pesquisa sobre o Padre Cícero de Juazeiro do Norte que vocês vão ficar impressionados como é venerado aqui. Então, tem muito Cícero, muito, muito. Então, Cícero Araújo é um nome que representa um nordestino qualquer, certo? E, na verdade, isso quase toda família, vocês podem perguntar. Quase toda família tem um Cícero Araújo, ou seja, quase toda família tem alguém que sumiu e nunca mais deu notícias. Hoje é mais fácil você encontrar quem sumiu e nunca mais deu notícia, porque você pode perguntar pelas redes sociais se alguém conhece. Eu já encontrei gente através do Facebook, ajudei a se encontrar com a família e etc. Mas até um tempo atrás não tinha como, o único jeito de você saber, achar alguém, era sair procurando. Então, o Cícero Araújo, nesse caso, ele não é um personagem definido, ele é o álibi, ele é a senha que a Alice usa para poder ir para qualquer lugar, inclusive ela vai mentindo. Há um primeiro telefonema em que alguém realmente pede que procure o filho que se chama Cícero Araújo, ou seja, há milhares de Cíceros Araújo perdidos pelo Brasil afora pelos nordestinos trabalhando na construção civil, percebe? Então, ele representa uma categoria de gente. Ela não o acha porque, a partir de um certo momento, é o pretexto que ela tem pra continuar andando, então ela vai mentindo. Em cada lugar que ela chega, ela vai dizer “olha, me disseram que ele morava aqui”, e não é verdade. Ela vai inventando que é para poder entrar naqueles lugares todos e não precisar explicar o que ela estava fazendo ali, porque ela é diferente dos porto alegrensenses. Já disseram pra ela que é perigo andar em tal lugar e ela quer ir, então ela tem que ter uma coisa que comova os outros. E eu usei a mesma senha para andar por Porto Alegre. Isso é que é impressionante. Nesse ponto eu copieei a minha personagem. Eu saí perguntando por um Cícero Araújo, trabalhador da construção civil, que veio com uma empresa trabalhar aqui, até um pouco mais de um ano atrás

ele telefonava pra mãe toda semana e agora faz mais de um ano que ele não deu notícia e a mulher está desesperada. É um “abre-te-sésamo”. Todo mundo acredita e começa a contar o caso da amiga, da mãe que perdeu o filho e nunca mais deu notícia, sabe? É um personagem simbólico. Ele não é um personagem real do meu romance. Ele é um personagem que representa uma categoria de gente. Cícero Araújo pode ser um nome de uma categoria de pessoas. E vocês podem pesquisar nas suas famílias, que às vezes a gente nem sabe, mas os velhinhos que já estão mais assim, eles acabam contando tudo pra gente; “Será que tem alguém da nossa família que sumiu?”, aí de repente a avó “Tem sim, teve um irmão do meu pai, seu tio-bisavô, que um dia sumiu, e ninguém sabe onde que foi parar. Ele foi para o exército e depois foi mandado para não sei aonde e nunca mais deu notícia” ou “ele foi marinheiro ou ele simplesmente saiu de casa e nunca mais voltou e não disse pra ninguém, ninguém sabe onde foi parar”. Tem sempre. Aliás, um dos romances que eu estou escrevendo, o título é *Toda família tem um esqueleto no armário*, ou seja, toda família tem um segredo que não se conta para os mais jovens, não se conta pra ninguém, toda família tem. E eu estou escrevendo esse livro e, às vezes, alguém chega aqui em casa e pergunta: “Você está escrevendo outro romance?”, “Estou”; “Já tem título?”, “Tem: *Toda família tem um esqueleto no armário*” e a pessoa diz “Só um?”. Ou, então, a pessoa começa a me contar dos esqueletos no armário da família dela. E uma vez eu estava em um evento literário, conversando com um grupo de outras escritoras de vários lugares e me perguntaram isso e eu disse “É, eu estou escrevendo *Toda família tem um esqueleto no armário*”, aí uma delas disse assim “Mas é verdade, sabe que a minha avó tem os ossinhos do meu avô em uma caixinha dentro do guarda-roupa dela? Porque quando chegou a hora de exumar e ter que comprar a gavetinha para pôr, ela não sabia se ela ficava no Rio de Janeiro ou mudava para São Paulo. E ela queria colocar os ossinhos do meu avô bem perto de onde ela morasse para ela poder ir visitar. E aí como ela não resolveu até hoje, está lá, em uma caixinha dentro do guarda-roupa”. Ou seja, literalmente ela tem um esqueleto no armário. É a vida, é a vida humana. Nós somos muito mais parecidos do que imaginamos, as nossas famílias são muito mais parecidas do que imaginamos. Eu acho que a literatura tem que estar à serviço disso, de perceber o quanto somos iguais. Já me aconteceu de, muitas vezes, pessoas virem me agradecer porque eu escrevi sobre uma coisa que ela achava que era um problema só dela. Quando ela viu na minha personagem, ela começou a reparar e descobrir que muitas pessoas também se sentiam daquela mesma maneira. E isso aí já rompe a casca de solidão e faz com que as pessoas arrisquem falar dessas coisas e encontrar com quem dialogar. A literatura deve servir pra isso, ao meu ver. Não é só uma distração para passar o tempo. O livro que você começa a ler e já sabe qual vai ser o fim não vai valer a pena. Aqueles

livros de banca de jornal, sabe como é? Eu li muito, porque quando você não tinha nada pra ler, você lia aquele mesmo. Mas quando você lê 20 páginas você já sabe mais ou menos no que vai dar, como é que vai acabar: os bons serão felizes, os maus serão castigados depois de várias peripécias.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Eu gostaria de saber quando que vai ser lançado esse novo romance que a senhora está escrevendo?

MVR: Isso eu não sei. Eu estou escrevendo dois ao mesmo tempo. Primeiro que a gente nunca sabe quanto tempo vai levar para escrever. Eu não sei se eu vou ficar doente, eu não sei se eu vou conseguir pagar todas as contas ou vou ter que sair correndo para vários eventos para vender meus livrinhos. Eu sou camelô de livros, eu levo uma malinha, porque não se encontra, às vezes, meus livros nas livrarias. No momento, por exemplo, estão todos esgotados na editora. Não tem em nenhuma livraria. Eu fui ontem para a Bienal do Livro em Recife e não tinha nenhum livro meu lá. Foi bom porque eu não fiquei naquela sessão de autógrafos e posar pra *selfies* loucamente. Mas, por outro lado, é muito triste um escritor saber que as pessoas estão procurando seu livro e não tem nas livrarias. Então a gente não sabe. O último romance que eu publiquei, livro não porque saiu um na semana passada, que é um livro com formato juvenil, mas, aliás, um livro que, eu acho, diz muito para qualquer adulto também. É um livro sobre um menino diferente, lidando com essa questão da diferença e da inclusão na escola e na vida. Das pessoas diferentes.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Qual que é o título?

MVR: O título é *Nas curvas do caminho, um menino diferente*. Então esse livro aqui foi lançado sexta-feira passada, não essa última, a da semana anterior, em Belo Horizonte, por uma editora de lá. Ele é todo ilustrado por um pintor, um artista maravilhoso. E ele parece um livro infantil, que de fato qualquer um de vocês pode ler: jovem, até criança pode ler, mas a temática e o desenvolvimento é pensando também nos adultos, na questão educacional. Como deixar aquele que é diferente ser diferente, encontrar o seu caminho e não querer enquadrar todo mundo em um modelinho só. Então, eu tenho outros livros prontos que ainda não foram editados, porque não é tão simples. O último romance que eu escrevi, *A carta à rainha louca* é um romance que se passa no século XVIII, é bem interessante. Aí é um exercício de linguagem também, que eu levei muitas décadas para escrever, mas eu entreguei para a editora no dia 18 de fevereiro de 2018 e eles só foram publicar na segunda quinzena de abril de 2019. E a gente não tem poder nenhum, a

menos que eu vá na gráfica, tenha um dinheirinho, vou e imprimo, mas aí como que eu distribuo? Eu tenho uma malinha e uma maquininha de receber cartão, mas eu também não posso, estou velhinha para viver de camelô, pelo meio da rua o tempo todo. Então não é simples. Se alguém de vocês têm uma tendência a ser escritor, seja. Porque é uma coisa deliciosa de se fazer, é uma coisa que se você tem prazer. Se tem prazer em escrever, escreva. Se o sonho é fazer grande sucesso, aí eu já não sei. Tenha outra coisa ao lado para que você possa pagar suas contas porque com literatura é complicado.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA/Profa. Inês: Eu gostaria de agradecê-la, principalmente pela atenção, pelo carinho com os meus alunos, conosco aqui, e dizer que foi um prazer ler sua obra e, depois dessa conversa de hoje, eu irei relê-la. Ler o livro com outro olhar. Muito obrigada. Receba o carinho do Colégio Estadual Monteiro Lobato em nome da diretora e o carinho dos meus alunos.

MVR: E um beijo para todos vocês e leiam outros livros meus que eles são interessantes, eu acho. Se vocês gostaram do *Quarenta Dias*, eu acho que vocês devem gostar dos outros também. Porque cada livro meu explora um espaço diferente e, como eu andei muito pelo mundo, os contextos dos meus romances são bem diferentes e personagens também. Então, é capaz de ter aí nas bibliotecas da cidade, porque vários deles o MEC distribui por aí para bibliotecas públicas. E quando vocês lerem, vocês me mandam um recadinho do que vocês acharam.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA/Nathalia: Bom dia. Meu nome é Nathalia, eu sou uma das bolsistas do Programa da Residência Pedagógica, estou no 4º ano de Letras; me formo esse ano. O que quero perguntar inscreve-se mais como curiosidade. Meu TCC é sobre Literatura Brasileira Contemporânea, mais especificamente de autoria feminina. O que eu tenho lido é que muitos teóricos pontuam que, hoje em dia, a “pegada” da mulher em relação à literatura se dá pela busca da identidade, de um lugar dentro da sociedade, aspecto que se estabeleceu a partir da abertura do mercado de trabalho e de outras instâncias sociais; aspecto tematizado em *Quarenta Dias*. Alice é uma protagonista feminina, uma senhora em busca de pertencimento naquele lugar estranho. O que eu gostaria de saber é como a senhora percebe as problemáticas envolvendo a mulher.

MVR: Olha, eu assisti desde o fim da guerra, da Grande Guerra Mundial, eu já tinha três anos de idade e lembro muito bem quando acabou a guerra, porque foi a primeira vez que se

acenderam as luzes da cidade. E lembro muito bem da escuridão. Nos meus primeiros três anos de vida, a noite era uma escuridão absoluta, não se podia acender uma luz para que os submarinos não achassem o Porto de Santos. Então, eu assisti muito de perto, porque eu sempre fui muito curiosa e tinha algumas tias e primas que eram solteironas, uma palavra que não se usa mais. E por isso mesmo, elas eram mais livres, tinham a cabeça mais livre, porque elas não tinham que se preocupar se o marido iria gostar ou não do que elas dissessem. Que eram as únicas que escreviam e publicavam. Muita gente escrevia na minha família, mas só as solteironas é as que publicavam, porque não tinha ninguém pra impedir. Então eu assisti desde o tempo em que uma mulher sequer podia publicar um livro, porque não ficava bem. Porque se elas escrevessem poesias de amor, o marido ia achar que era pra outro, sei lá, besteira... Então, eu assisti as várias ondas femininas. Dizem que estamos na quarta onda feminista, mas eu me lembro muito bem e participei muito ativamente, quando estava com 20 anos, da terceira onda ou da segunda onda, dos anos 60 e foi uma coisa muito séria, muito forte. Eu, já nos anos 50, lia Simone de Beauvoir, o *Segundo Sexo* foi uma obra marcante que é de onde saiu aquela frase que é fundamental: “A gente não nasce mulher, a gente se torna mulher”. Porque mulher, no significado que tem socialmente, não é uma coisa natural e necessária, é um papel que a história, dominada pelos homens brancos, foi determinando pra mulher, não é? Então, realmente, eu digo assim, primeiro que hoje em dia se fala muito da organização das minorias; e nas minorias se põe a mulher, o que é uma inexatidão. Porque hoje e sempre a mulher foi maioria na sociedade. Porque as mulheres são mais fortes do que os homens. Os dados de mortalidade infantil sempre foram muito superiores para meninos do que para meninas. As mulheres sempre foram maioria, mas uma maioria calada. Então, se você junta: as “minorias” raciais ou étnicas, a mulher como “minorias”, a gente tem que inclusive tomar consciência de duas coisas importantes: primeiro, que todos juntos, nós somos a maioria. Aqueles que não tinham voz, aqueles que não puderam imprimir a sua marca na organização da sociedade, que tiveram que ser submetidos a uma sociedade organizada pelos outros, eles é que são a minoria. A maioria somos nós. Então, a gente tem que, ao mesmo tempo, ter muita atenção para as lutas identitárias, mas as lutas identitárias não devem nos separar e fragmentar; elas devem nos tornar aliados uns dos outros e aí seremos a maioria, percebe? Então seremos a maioria. Aqueles que estavam sendo perdedores, nós temos condições de sermos ganhadores, porque nós somos a maioria. Então, eu entrei junto com o grupo, num movimento que talvez vocês já tenham ouvido falar. Se não, vocês coloquem lá no *Facebook*, no *Google*, ou qualquer lugar, o Mulherio das Letras. O Mulherio das Letras é um movimento, porque estavam dizendo “Não é por discriminação que se publicam menos

mulheres do que homens, é porque as mulheres não escrevem e os homens escrevem mais”. Aí nós resolvemos investigar se é verdade ou não. Criamos um grupo fechado no *Facebook* que, em dois meses, tinha mais de 5.000 mulheres, cada uma adicionando as outras que conhecia, que escreviam e que às vezes eram publicadas só em editoras locais e conhecidas só na sua cidade. E aí isso foi crescendo, crescendo, crescendo e hoje tem o Mulherio das Letras na Europa, nos Estados Unidos, parece que na Austrália já está começando também e no Brasil inteiro tem muitas regionais; e muita gente, que não tinha coragem para publicar, já está publicando, porque se sente fortalecida pelo movimento. Então, não é verdade, tem um negócio de que a mulher só escreve “mimimi”. Eu tenho uma ótima resposta para homem que vem com essa coisa de que mulher escreve “mimimi”, eu digo “Já estou vendo que você nunca leu Proust, porque *Em busca do tempo perdido* são sete volumes de mimimi”. Então, tem preconceito contra; “A mulher só pode escrever sobre os seus sentimentos”, não, eu posso escrever sobre o que eu quiser nesse mundo. Inclusive, os meus primeiros romances não têm mulher protagonista, quer dizer, tem mulher, mas não é a protagonista e nem a narradora. Eu tenho outros livros, outras coisas que eu escrevo. Mulher não tem que escrever só sobre mulher e sobre os sentimentos femininos e os sofrimentos femininos. Mulher pode escrever sobre tudo no mundo; assim como o negro pode escrever sobre tudo no mundo, não tem que escrever só sobre negro; assim como LGBT pode escrever sobre tudo no mundo, tem direito de ter a sua visão do mundo. Não tem que escrever só história sobre a sua minoria. Não é isso. Isso daí é nos restringir de novo, entendeu? Então, muitas vezes me perguntam: “A senhora acha que existe uma literatura feminina?”, e eu respondo: “Se vocês concordarem que existe uma literatura masculina, então tudo bem, existe”. É uma literatura de autoria feminina, mas ela não tem que ser “mimimi”; ela não tem que ser feminina do jeito que eles acham que é feminilidade, uma pessoa meio boba, meio delicadinha, meio chorosa, nada. E tem mais: o mundo até agora foi feito pelos machos brancos, né? Obedecendo às ordens e os planos dos machos brancos, com algumas exceções. Ora, então só as ideias deles que foram experimentadas até agora. Vocês já pensaram que nessa maioria dos excluídos do poder são mulheres e outras minorias é que tem as ideias novas, a esperança está naqueles que foram marginalizados sempre. A renovação da literatura do Brasil virá em grande parte dessas mulheres e outras minorias que eram desprezadas, consideradas sublitteratura ou ninguém nem lia, sabe? Mandava o original para uma editora e ele voltava com sinais de que nunca ninguém abriu para ler, com uma carta dizendo “Seu livro é muito bom, mas nossa programação já está fechada até o ano 2032, então você não vai querer esperar”. Bom, agora é o seguinte: nós temos outras ideias, outras propostas e sugestões. Considerando todo mundo que não foi ouvido até hoje, é daí que

vem a esperança de que podemos fazer um mundo melhor do que essa porcaria que está nesse momento.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA/Nathalia: Em um dos artigos que li para o trabalho de conclusão de curso é discutida a problemática envolvendo a publicação de autoria feminina (SCHMIDT, 1995).

MVR: Claro. Há o caso de uma escritora casada com um primo meu, ela era carioca. Em 1930, ela entrou no Banco do Brasil e foi trabalhar no Rio Grande do Sul. Quando chegou lá, ficou tão impressionada com a vida dos gaúchos, do Pampa, achou aquilo tão bonito, que escreveu o primeiro livro de contos em 1932. Quando foi em 1942, ela publicou o segundo livro de contos, aceito pela José Olympio, elogiado por todos os críticos, porque o nome com que ela assinava podia ser de um homem. Então, achavam que era um homem. E quando descobriram que era uma mulher, os críticos disseram “Mas que coisa incrível! Isso mostra que há mulheres que são capazes de escrever assim, de uma maneira varonil, sem desperdiçar adjetivos”. Quer dizer, era puro preconceito, então nem liam o que as mulheres escreviam. Aí ela acabou de publicar esse livro em 1942 e se casou com o meu primo e nunca mais publicou nada. Hoje a gente não pode imaginar uma coisa dessas. Agora as mulheres têm as outras mulheres para avaliar suas literaturas e dizer: publique.

Referências

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.

JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?* São Paulo: Parábola, 2012.

REZENDE, Maria Valéria de. *Quarenta Dias*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.). *Rompendo o silêncio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995. p.182-189.